

Sede de justiça

TT Catalão

Da equipe do Correio

Água não se nega, é evangélico. É coisa que nenhum carrasco recusa como último pedido do moribundo. Nem os soldados romanos negaram o líquido (mesmo misturado a fel e vinagre para molhar os lábios do Cristo crucificado).

No drama da Estrutural, conflitam a sordidez de políticos ambiciosos que manipulam a tragédia com a perplexidade do Estado para lidar com a justiça e a lei que precisa ser cumprida. Com muita sede ao pote, uma inescrupulosa oposição se perde pela ganância insensível banalizando a miséria ao usá-la como pedra na vidraça alheia. O governo fica em estado de choque, mesmo sob argumentação legal bem fundamentada e tecnicamente correta: é preciso afastar aquela população para salvar o Parque da Cidade e as reservas de água mais próximas. E aí? Como avançar no impasse entre o humano e o técnico? Eliminar por lenta agonia, cortando a água, é de uma crueldade

de sem par. O agravante se dá pela honrosa constituição nos quadros do governo de figuras com expressivas folhas de bons serviços prestados à causa dos direitos humanos. Se tem abutres bem remunerados rondando a carcaça enxergando votos, isto não justifica uma retaliação sobre as vítimas.

Como evitar que uma gota d'água venha gerar derramamento de sangue? Se não verte sangue explícito, só a ameaça, já contribui para que a vida esteja empobrecida ainda mais. Crianças sem água, na poeira, comendo restos, sob 39 graus em casas insalubres sob o cheiro insuportável do lixo é extrapolação do gueto para o campo de concentração. Restabelecer o bom senso é de grande urgência. No país dos párias da pátria, os refugiados na própria terra, excluídos (para usar o jargão acadêmico politicamente correto) não podem ser refugos.

Sede de justiça, já!!!